



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLOS HERMOGENES DE LIMA

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-249

Entrevistado: Carlos Hermogenes de Lima

Nascimento: 18/11/1946

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadora: Juliana de Abreu Werner Tavares

Data da entrevista: 08/06/2012

Transcrição: Natália Bender

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Juliana de Abreu Werner Tavares

Total de gravação: 45 minutos e 10 segundos

Páginas Digitadas: 23

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Vinda para Porto Alegre e envolvimento com o tango; Primeiras apresentações em Porto Alegre; Primeiras milongas; Companhia do Canelo; Noites com tango e outras danças; Aulas de tango em Porto Alegre; Filosofia do tango; Tango no rádio; Filme, livros e outras publicações; Espaço próprio para Milonga.

Porto Alegre, 8 de junho de 2012. Entrevista com Carlos Hermógenes Lima a cargo da pesquisadora Juliana de Abreu Werner Tavares, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.T. – Quando o senhor veio para Porto Alegre já tinha esse contato com o tango ou não?

C.L. – Bem, esta história do tango começou lá em Cambará¹ quando existia uma rádio, uma única rádio que pegava lá. Eu, na verdade, vinha do folclore, fui patrão de CTG² mirim em Cambará do Sul. Então lá na casa do meu avô tinha uma rádio que pegava uma palha assim de Buenos Aires e eu lembro bem da “*La Cumparsita*” que era uma música bem conhecida, então eu ouvia aquela música e aquilo ficou gravado. Quando eu ia para Porto Alegre me perguntavam se eu sabia dançar tango e eu dizia que sabia. Na verdade, eu não sabia. Diziam: “Ah não, mas tango não se dança assim, se dança de outra maneira, não sei o que...”

J.T. – Isso mais ou menos quando?

C.L. – Isso faz uns doze anos.

J.T. – Mais recente.

C.L. – É, exatamente. E aí eu fui atrás, fiz aula com um professor aqui de Porto Alegre e no fim não era realmente essa forma que se dançava o tango, eu tive que reaprender... Isso foi uma coisa que me custou muito. Mas em compensação quando eu aprendi! Eu peguei um professor e uma professora de Buenos Aires, praticamente um ano eu passei ‘caminhando’ no tango. Por que o tango na verdade, o que ele é? É uma caminhada... Chamosa, digamos assim. Não é toda aquela figuração que tu vê no palco, porque existe uma diferença bastante grande entre o tango de cenário, que são desses artistas que vem fazer *show* aqui e o tango de salão, que são das milongas em Buenos Aires. Tu vai e dança. Eu e minha esposa temos o hábito de ir nas milongas. A gente vai tipo nove e meia, dez horas, faz aula até a meia noite e depois ficamos dançando até cinco, seis horas da manhã.

¹ Cambará do Sul, cidade do estado do Rio Grande do sul.

² Centro de Tradições Gaúchas.

Sempre. Aí a gente toma um café e vai descansar. Não sei se são essas coisas mais ou menos que tu gostarias de saber. E aqui em Porto Alegre eu fui fazendo aula com o Valentin, na La tanguera³, e passando pelo Shopping Total, onde o Rafael⁴ abriu a Livraria Cultura e um amigo dele, o Rogério abriu o Lápis Café. Na inauguração do café, um garçom do Rogério me convidou para tomar um café e aí eu olhando do bar para fora vi a Recoleta em Buenos Aires, onde a gente curte muito e tem inclusive, um pessoal, um casal de tango que dança ali. Já dancei na Recoleta com essa bailarina... [TRECHO INAUDÍVEL] “Vamos fazer um baile aqui, isso aqui é um lugar maravilhoso, me lembra a Recoleta”. Ele tinha recém chegado de Buenos Aires onde foi tirar algumas dicas de cafés. Ele disse: “Bah, seu Carlinhos!”... Eu sou conhecido no meio tanguero como Carlinhos. Ele disse: “Bah, vamos fazer!”. Eu falei pra ele: “Olha, por uma questão de respeito eu vou conversar com o Valentin Cruz porque na verdade eu trabalho com o Valentin. Eu não dependo do Valentin mas eu trabalho com ele. Então eu acho que seria interessante eu comentar o assunto com ele, embora a ideia seja minha, mas eu vou arrumar um parceiro que também é meu parceiro, entendeu? Unir essas parcerias.” Eu falei com o Valentin, voltei e falei com o Rogério: “Olha Rogério, está ok, vamos dar a largada, está na tua mão, a hora que tu quiser fazer...” Aí fizemos o primeiro, foi um sucesso e depois foi praticamente um ano e três meses que nós fazíamos todo aquele... Era uma vez por mês tango e depois vieram as outras academias como a [TRECHO INAUDÍVEL]... Esteve lá se apresentando, pessoal de música, então foi um palco cultural que se criou ali que lamentavelmente, não sei porque razão desapareceu. Nós comunicamos a criação, mas a desativação não fomos comunicados, não soubemos até hoje o porquê disso. Provavelmente fez mal às lojas internas do *shopping*, e aquele movimento ali não chegou... teve dia que nós botamos 600 pessoas. Um dia eu encontrei com o Jayme⁵ da RBS⁶, estava lá, anônimo, daí fui lá, cumprimentei, botei ele na minha mesa, conversamos e ele me disse que estava surpreso, que não tinha ideia que Porto Alegre tinha um espaço cultural tão bonito quanto aquele. É lamentável que essas coisas aconteçam e terminem. Nesse tempo também eu já fazia um Baile de Tango na Hebraica⁷. O que eu tenho hoje em casa, te diria assim, 20 mil tangos no computador e eu tenho uma milonga organizada. Posso tocar aqui

³ Tanguera Estúdio de Danza Valentin Cruz.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Jayme Sirotsky.

⁶ Rede Brasil Sul de Comunicação.

⁷ Associação Israelita Hebraica.

no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos, ela está dentro de um padrão internacional. Então ela é feita com quatro tangos, uma cortina... O que que é cortina? A cortina é uma música que não tem nada a ver com o tango, que é um espaço de 20 segundos onde as pessoas todas vão sentar. Então sempre que a pessoa está dançando com uma outra que ela não gosta, nesse momento é o momento da gente dispensar. E aí existe uma coisa interessante na cortina que lá em Buenos Aires chama *Cabeceo*. Então, tu paras de dançar com uma pessoa e tem uma outra que tu tens vontade de dançar e ela está vindo falar contigo, tu faz um sinal com cabeça e vai dançar com essa pessoa. Então na cortina é o momento de fazer isso. Aí vem mais quatro tangos, uma cortina, duas valsas, uma cortina, quatro tangos e depois uma milonga, que são ritmos diferentes: o tango, a milonga e a valsa, e assim tu passa noite inteira dançando com músicas diferentes. Normalmente, os quatro tangos são do mesmo autor e da mesma época. Por exemplo: se os quatro são... Faço uma [TRECHO INAUDÍVEL]... Posso pegar também os 1945. Então eu ponho todas aquelas músicas de 45. Aí eu ponho umas [TRECHO INAUDÍVEL] ... Que é uma música mais tranquila, mais romântica. Houve uma época em que meio que houve uma disputa em termos de venda, então o [TRECHO INAUDÍVEL]... Se aproximou um pouco da música dele para também não perder a chama entendeste? Então é uma coisa bem interessante essa história do... E existe N autores de músicas de tango que são maravilhosos, tem cantores sensacionais, o [TRECHO INAUDÍVEL]... São excelentes autores de tango que a gente curte. Então não sei se mais ou menos, e fiz o [TRECHO INAUDÍVEL]... Baseado nessas músicas que eu tive. No início eu fiz aqui em Porto Alegre e eu enfrentei uma dificuldade. Fui o primeiro, fui pioneiro na história de trocar os músicos de orquestras que tinham aqui em Porto Alegre, que eram muito poucos. E na verdade, se ouvia e se dançava vinte ou trinta tangos no máximo. Porque essas pessoas ficaram, são pessoas de mais idade, não procuraram evoluir, não tocavam por partitura então, porque com a música mecânica, tem exatamente o ritmo original de tudo. Então o ouvido aprende essa música original, e quando há uma distorção, tu te perde, às vezes nos passos, nos tempos. Então isso aí eu trouxe, eu fui um dos primeiros a fazer a primeira milonga com música mecânica em Porto Alegre. Fui muito criticado, tive dificuldades com alguns músicos. Dificuldade no sentido de eles não admitirem isso. Se tem músicos vamos valorizar os músicos de Porto Alegre, mas eu pensei assim: “Se eu tenho vinte mil tangos, eu tenho N tangos no mundo.” Parece que existem cem mil tangos em Buenos Aires, consegui recuperar oitenta mil tangos em Porto Alegre, e em Buenos Aires tu vais ficar dançando vinte ou trinta. Então eu fui buscar

um espaço maior e é o que existe no mundo hoje é isso, é uma música mecânica. Uma orquestra num baile de tango em Buenos Aires chega numa hora que depois é tudo mecânico. Não existe isso de ir num baile em Buenos Aires e dançar desde o início até o fim com orquestra, isso não existe. É mecânica, até em função dessa riqueza de autores e de músicos que existem. Tu podes falar um pouco também!

J.T. – A minha curiosidade é quando tu fala da milonga, quando surgiu isso? Qual foi primeira milonga?

C.L. – A primeira milonga aqui em Porto Alegre foi feita por mim, o Dr. Flávio e o Felipe. O Felipe hoje está em Buenos Aires. Então, é de Carlos Lima, Flávio Aquino e Felipe Lima Nobre.

J.T. – Teve uma mudança na Companhia lá do...

C.L. – O Felipe dança, está dançando, do Forquera⁸. Ele esteve no teatro, eu não saberia te dizer ao certo. Ele esteve em dois teatros lá de Buenos Aires, inclusive no Teatro da Galerias Pacífico por uma boa temporada. Ele teve uns oito meses o teatro.

J.T. – Antes de vir para Porto Alegre, quando eu casei eu morei três anos em Santa Maria. E lá foi o meu primeiro contato com o tango com uma argentina que casou com um brasileiro...

C.L. – Sim, a Astrid.⁹

J.T. – E ela tem lá um evento que chama A Noite de Tango, que é uma...

C.L. – Eu já ouvi falar.

J.T. - Uma cidadezinha que já rolou, é muito gostoso...

⁸ Francisco Forquera.

⁹ Astrid Balsells.

C.L. – Isso, isso...

J.T. - É um restaurante italiano e assim ela faz uma noite. Ela tem trazido uma orquestra típica de Buenos Aires, traz os cantores, os bailarinos. A estrutura da noite é mais ou menos assim: começa com uma aula, depois tem a janta, o *show* e depois que eles fazem o *show* abre para a... É digamos que uma milonga. Não é muito tango porque lá o pessoal aprecia muito o tango mas poucos fazem aula, poucos dançam tango. Então nas duas vezes em que eu fui era muito curioso ver o pessoal tentando fazer os passos que aprendeu na aula inicial. Isso é interessante...

C.L. – É normal, mas...

J.T. – A gente vê o esforço, mas o tango, acho que é uma dança complexa, exige mais investimento.

C.L. – Claro, e tu sabes que aí está a essência da história do tango, porque no momento em que a pessoa está se preocupando em fazer aquele passo certo ela não está pensando em nada mais, tu entendeu? Por isso que o tango... tem um trabalho aqui em Porto Alegre da Rosa Brisola ¹⁰, é o tango na psicologia, na terapia. Foi inclusive numa conversa de bar que eu falei para ela que tinha uma moça lá, até ontem eu dancei com ela... Essa moça... Que existia uma conexão muito grande... Parece que os corpos se passam e isso é uma coisa que não acontece com todo mundo, é uma coisa muito interessante. É uma coisa muito, assim, fantástica, porque uma conexão desse tipo não é fácil e ela transpõe... Muitas pessoas dizem: “Ah! mas vem o lado sexual...”. Não, é uma coisa muito interessante. Tu não pode... É muito difícil tu definir. E tu viu o que a força do tango faz, a Rosa estava fazendo esses trabalhos, e ela estava se comunicando com um correspondente da Itália, ou da Espanha não lembro bem agora. E eu estava em Buenos Aires no Mundial de Tango que tem a Exposição de Livros, e eu aleatoriamente peguei dois livros e lembrei da Rosa. E eu trouxe para ela e a Rosa estava fazendo o mesmo. Sem eu me comunicar com ela. Tu vê o que é essa conexão, eu acho interessante. Desculpa, é que me veio na lembrança isso e tu estava me falando de Santa Maria, a Astrid é minha amiga, eu gosto muito dela também.

J.T. – É que quando o senhor falou do Felipe eu lembrei desse grupo que ela tem trazido ultimamente. Acho que uns dois ou três anos no final do ano ela faz a última noite de tango, faz o espetáculo e traz a Companhia do..., se eu não de engano é Roberto Canelo.

C.L. – Canelo. A história do Canelo é assim...

J.T. – Eu acho que era Felipe.

C.L. – Felipe Lima Nobre e Daiana Pujol, da Companhia do Canelo. Se bem que o Felipe não está mais com o Canelo. O Felipe hoje está com o Forquera, parece que é Roberto Forquera. E a história do Felipe começou assim: nós nos conhecemos aqui em Porto Alegre através de um casal que é o Alessandro Orasi, ele é italiano, eu o conheci no Eurotango, e a Gisel Duran. Na verdade, quem convidou o Felipe para ir à Buenos Aires foram a Gisel e o Alessandro Orasi. O Felipe se deu bem, está lá até hoje dançando.

J.T. – E ele já fazia tango aqui?

C.L. – Sim, ele já fazia tango aqui, ele inclusive foi um dos companheiros da nova milonga. A milonga foi ideia do Felipe e nós fomos à frente, fizemos a primeira milonga num bar, nós botamos ali cento e cinquenta pessoas na noite de abertura.

J.T. – Quando foi o começo? O senhor lembra?

C.L. – Isso fazem uns... Eu te diria que fazem uns cinco, uns seis anos eu acho.

J.T. – E o senhor faz uma milonga por ano?

C.L. – Eu fazia uma por mês na Hebraica. Mas daí houve umas desavenças e eu parei de fazer. Eu tive que fazer no ano passado uma cirurgia, já tive que ficar um bom tempo sem dançar. Como eu tenho esse arsenal de música em casa, eu resolvi fazer o meu aniversário, no Museu do Esporte. Botei lá oitenta pessoas, estava uma festa maravilhosa, com a minha música, porque eu gosto de usar a minha música, não uma música internacional, entendeu?

¹⁰ Rosa Maria Brisola.

Tive o trabalho de praticamente em quatro meses organizar tudo e isso não é uma coisa fácil. Não é sair botando música de qualquer jeito, não. Tem que obedecer exatamente isso que eu te falei anteriormente: os autores, as datas, as épocas, tudo certo. Então não pode botar uma música, por exemplo, tu está dançando um [TRECHO INAUDÍVEL]... Que é uma música sensacional que é calma. Tu não pode largar logo na próxima uma música muito violenta. E é como se fosse um véu, tu tens que ter uma coordenação. Então a coisa é por aí. Hoje eu estou pensando em criar um novo espaço. Primeiro eu vou organizar o nome, que eu já tenho em mente mais ou menos, é um segredo depois futuramente se tu quiseres eu vou te contar, eu tenho vontade de voltar. Exatamente porque eu tenho uma qualidade de música muito boa e as pessoas pedem para que eu volte com aquela música. Eu faço uma noite de tango, eu não misturo as coisas. No máximo umas, duas interferências com dança de salão, no máximo, não mais.

J.T. – Acho que a gente não vê muito as noites só com tango aqui em Porto Alegre

C.L. – Só com tango não. Se vê aqui bastante misturado a dança de salão com o tango. Se bem que hoje o Valentin está dando uma [PALAVRA INAUDÍVEL] A gente falou muito com ele numa boa sempre e ele está entendendo um pouco melhor sobre esse assunto. Está botando setenta por cento digamos de tango e trinta por cento de dança de salão, então está melhorando. É que tem uma turma jovem que está começando no tango hoje, tem bastante jovem no tango. Quando nós começamos não tinha, eram as pessoas com mais idade. Eu por exemplo estou com sessenta e cinco anos. Comecei a dançar tango com cinquenta e quatro, sei lá, por aí.

J.T. – E o senhor começou com o Valentin?

C.L. – Não, eu comecei com o Paulo Pinheiro. Só que o Paulo tem um método que não me serviu, eu tive problemas, então agora estou dançando tranquilo. Então é isso, o tango é uma coisa que tem diversas nuances, diversos caminhos. Tem um trabalho muito legal feito pelo Juarez Fonseca na Revista Aplauso, bem interessante... É bem interessante. A Revista Aplauso até foi na época que publicaram o trabalho do [TRECHO INAUDÍVEL] da Flauta, que toca flauta, interessante e eu aqui estou fazendo o meu equipamento de som já, isso aqui é um *case*, está faltando o microfone sem fio, minha caixa de som. Tem mais

duas caixas lá no fundo, então tem todo já... Os [TRECHO INAUDÍVEL] da milonga eu tenho tudo guardado.

J.T. – Eu conheço ele das tardes lá no Total, não sei se era ele mesmo, mas era bem parecido.

C.L. – Não, é um parecido com esse. Inclusive há dois domingos, dançamos eu e a minha esposa e tu vê que é uma coisa interessante... Uma sobrinha minha pediu para que nós dançássemos um tango, uma milonga e uma valsa para a mãe dela que estava fazendo oitenta anos e tem Alzheimer. E ela me disse: “Olha Carlinhos, eu não sei qual vai ser a reação da minha mãe. Ela pode chegar e dizer pra ti: ‘Para com isso!’ Pode acontecer, uma pessoa com Alzheimer...”. Pois ela assistiu a todas as três danças e falou: “Bah! que maravilha, recordei do meu passado.” Então tu podes sensibilizar uma pessoa da idade dela com problema de Alzheimer, é interessante isso, e a gente faz com muito carinho. E a gente fica mais feliz ainda quando atinge o objetivo. O objetivo era fazer ela pensar um pouco. Inclusive pensou no passado, na época em que ela dançava também. Isso é importante. O tango também é isso. Eu, por exemplo, quando estou dando aula lá com o Valentin, que tem a regra básica dele. Agora tem muita coisa que eu sei pelas andanças que eu tive por Buenos Aires, que eu vou duas vezes... Eu e a minha mulher vamos agora, eu já estou falando com ela para nós irmos, então a gente aprende muita coisa olhando. Se tu pegar digamos assim, N passos que dão lá, e pegar um passo que te sirva para botar na dança, tu agrega aquele passo, está ótimo. Tu não vai saber tudo de tango nunca, tu vai morrer sem aprender, vai morrer aprendendo. Sempre há uma coisa nova.

J.T. – Esses dias eu estava assistindo a um documentário, acho que é ‘O mistério do Tango’.

C.L. – Ah, O mistério do Tango... Eu tenho esse documentário.

J.T. – E em um dado momento lá num dos documentários, que ele é fragmentado... Num deles fala a respeito da dança, e começou falando que essa questão de que o tango quando começa não tem tanto a preocupação excessiva com os passos como hoje se tem. E que a maior necessidade é você aprender a sentir o tango e não a coisa de decorar os passos.

C.L. – Foi o que eu te falei.

J.T. – Quando eu fiz aula com o Valentin, que foi depois que eu vim de Santa Maria, eu cheguei a fazer um mês de aula com...

C.L. – Tu fez aula com [TRECHO INAUDÍVEL]

J.T. – Eu nunca consegui fazer aula fixa com ele. O que que acontece é que como eu dou aula de Pilates, normalmente, as academias onde eu dou aula as turmas são por volta desse horário, sete, sete e meia. Então, eu nunca consegui fazer aula lá, mas, logo que eu vim para Porto Alegre teve um sábado e um domingo na Casa de Cultura que ele fez, junto com umas três professoras de dança de salão: Arlete, a Marlise¹¹ e a outra eu não lembro o nome.

C.L. – A outra é a Elisa¹², eu acho. Elisa é minha amiga, a Arlete também.

J.T. – Então nesse momento eu tive o meu primeiro contato de tango em Porto Alegre foi com o Valentin e depois o que acontece é que eu não me acerto muito para dançar com o meu esposo e aí a gente acabou meio que... Ele disse: “Não, então vamos fazer o seguinte, já que não dá certo nós dois e é uma coisa é importante pra ti.” O meu tema de mestrado é o tango no cinema. Esta pesquisa que eu estou fazendo é à parte, não é do meu mestrado mas é um mapeamento do tango em Porto Alegre, para enviar justamente para um Congresso de História Oral que vai ter em Buenos Aires agora em setembro. Eu mandei um resumo, ele foi aprovado e eu estou coletando as entrevistas para montar o artigo, montar a estrutura. Então assim, o tango meio que rege todos os meus interesses acadêmicos, tanto de mestrado quanto qualquer outra pesquisa adjacente que eu faça acaba sendo com isso.

C.L. – Eu acho que uma pessoa que seria interessante tu dar uma conversada é com a Rosa. Ela recebeu uma mensagem via telefone de Washington num dia, foi muito interessante.

¹¹ Nomes sujeitos a confirmação.

¹² Nome sujeito a confirmação.

Eu me sinto muito orgulhoso de ter despertado na Rosa, tomado um café na padaria, esse assunto. Tu entendeu? Porque a partir daí ela criou corpo. E ela foi à frente e defendeu a tese, deu tudo certo. E a Rosa tem subsídios, ela é uma bailarina, gosta de tango e o marido dela também.

J.T. – Ela é aqui de Porto Alegre?

C.L.- É. Ela tem o consultório dela aqui [TRECHO INAUDÍVEL]... Então, o tango também tem essa outra coisa, ele reúne muitas pessoas de um determinado nível bom assim. Tu cria amigos e eu te diria assim, é a coisa mais sensacional quando eu vou numa milonga. Quinta feira restrasada era o aniversário da [TRECHO INAUDÍVEL] foi muito bom porque aquelas pessoas jovens, pessoa como tu, me abraça, me beija, a gente sente um carinho tão grande! Isso é tão bom, que te deixa para cima, me entendes? Porque as pessoas hoje em dia são muito individualistas, é só para si, uma coisa muito ruim que eu sinto nesse sentido. Acho que essa coisa mais de carinho, mais aberta é muito melhor, com certeza.

J.T. – E eu acho que o tango provoca um pouco essa cumplicidade que a gente precisa na hora da dança.

C.L. – Exatamente, tu aprende a ser mais dado. Eu diria o seguinte, eu uso hoje muito da filosofia do tango no meu trabalho. Aqui mesmo, eu sou vizinho do Ramiro Dávila, eu fiz um trabalho junto com o ele que não tem nada a ver com o tango, mas eu tenho certeza que essa minha espontaneidade, essa minha doação eu aprendi com a dança, com o tango. Por exemplo, tem uma moça que agora está fazendo aula comigo que é do flamenco. E a gente procura ajudar de uma forma correta. Ela entende bem de flamenco. Então o que eu fiz, gravei dois CDs para ela, tu vê a doação que acontece. E isso não é... Eu não faço nada escondido em casa, da minha mulher. Levei, entreguei na frente da minha mulher os CDs de tango para ela. Então, tu aprende a se doar sabe. As pessoas que estão nesse mundo estão muito mais ríspidas. Então, a gente aprende isso e eu estou usando essa filosofia. E vim aqui te convidar pra tomar um cafezinho, enfim, é um mundo diferente, completamente diferente. Tem um pessoal meio louco que fica meio no ar e está querendo só passo, passo e apresentação e busca um monte de coisa que de repente... E nós temos

amizades do tango desde o início. São médicos, são advogados, são juízes, são pessoas de uma cultura muito boa. É a gurizada que está começando, tem um guri em Porto Alegre que para mim é exemplo, o Breno¹³, o guri no festival do Valentin. Nesse último festival, o segundo, tinham três bailarinas de Buenos Aires e eu mexia com uma delas e dizia: “Escuta aí vocês vem aqui e só dançam com o Breno! O que o Breno tem de especial? Daí ela me disse assim: “Não, o Breno é um milongueiro nato.” Tu vês então, o guri que tem o estilo de um argentino para dançar, calmo, tranquilo. Em Buenos Aires, por exemplo... Eu vou te contar uma história. Eu fiz muita aula na Galerias Pacífico, então ali se dança com italiana, com francesa, com americana. Eu não sei falar, agora eu sei falar melhor espanhol, fiz aula de espanhol para até ter um entendimento melhor. Mas em inglês, esse outra pessoal que vem, é a comunicação do braço, do abraço e o tango é abraço, não é outra coisa. É com um abraço bem dado que tu começa a dançar tango. Agora se tu já chega sentindo alguma coisa assim que não vai dar certo, já não funciona.

J.T. – E acho que foi por isso que eu não consegui dançar com o meu esposo.

C.L. – Agora eu vou te dizer uma coisa. Eu tive grande dificuldade e a gente ainda hoje discute depois de dez, doze anos de tango, ainda discute. E agora mesmo nós estamos fazendo aula exatamente para melhorar essa comunicação, porque ela tem uma comunicação do braço, do peito e a da mão de trás. E é a partir do peito vai tudo. Entregou o peito, vai tudo. Porque eu sempre digo... Outra coisa, o problema de encostar o rosto na mulher. Não é rosto colado, é a frente aqui para fazer o eixo. Forma um eixo imaginário, perfeito! Quando tu conseguires fazer isso vais dançar tango. É uma coisa que muitas pessoas não entendem. Tu sentes a diferença da comunicação. É diferente, totalmente diferente. A gente que trabalha com isso, sente as que tem dificuldades e as que não tem. A pessoa que se entrega não tem dificuldade. A pessoa que põe uma barreira vai ter dificuldade. Não existe a comunicação. Entendeste? Você está dançando tango agora?

J.T. – Não agora eu estou parada porque eu não consigo um parceiro e tentei, final do ano passado eu queria entrar, começar a fazer aula com o Valentin mas a turma estava cheia. Perguntei para ele: “E se eu conseguir, se trouxer alguém para dançar comigo?” Aí eu convidei um professor lá da faculdade que a família é uruguaia e tal, ele gosta muito de

¹³ Nome sujeito a confirmação.

tango mas ele nunca tinha dançado. Bem naquele dia o seu Valentin fez uma experimental, foi no início de dezembro, ou fim de dezembro, não lembro.

C.L. – Foi início de dezembro eu acho.

J.T. – Ele fez umas aulas, uma segunda e uma quarta, e aí eu o convenci a ir na segunda comigo.

C.L. – Eu não me lembro de ti lá, eu fui nas duas aulas.

J.T. – E aí eu fui, fiz com ele na segunda, só que o homem acho que ele tem dificuldade e aí já... É que eu acho assim, o tango para a pessoa investir ela tem que sentir. Se ela não é do tango, acha lindo, todo mundo admira, mas tem que ter essa conexão com o tango. Se não tem... Na segunda-feira ele foi. Ah! saímos de lá e perguntei o que que achou? Tu encara a gente continuar fazendo aula junto? “Pois é...” Daí quando fala “pois é” tu vê que a pessoa não está entregue para isso. Então assim, a minha dificuldade até então foi essa, porque depois quando a gente consegue dançar com o esposo ou marido fica mais fácil eu acho.

C.L. – Eu vou te dar uma dica nessa história aí. Tá gravando tudo isso?

J.T. – Mas a coisa de ...

C.L. – Assim, o que eu te diria é o seguinte. Nós fizemos de novo, agora em janeiro, uma aula, não foi experimental, foi uma aula para iniciantes e lotou a aula. O que que acontece quando está lá dentro? Eu, por exemplo, eu te conheço agora, se tu estiver lá eu vou te dar N oportunidades de dançar comigo, com certeza. A moça lá do flamenco levou a colega dela, a Claudinha¹⁴, mulher alta pra caramba. Fui dançar com ela. Ela é muito alta, mas ela conseguiu, eu consegui dar uma boa dica para ela sobre tango. Ela agora arrumou um companheiro lá, mas ela conseguiu pegar o básico do tango e quem pega o básico do tango vai embora. Que é uma caminhada, uma coisa bastante... Eu te falo isso porque eu com a Gisel e o Alessandro eu já passei um ano só caminhando, não deixaram... Fazíamos alguns

passos, porque eu tinha o hábito de fazer o passo e fechar. Fazia passo e fechava, e aquilo ali, imagina em Buenos Aires fechando passo de tango. Não funciona, tu tem que dar segmento no teu passo. Tem que andar, tem que fluir, então... Aí ela me disse que era amiga da Claudinha e coisa e tal... Eu danço com ela, então ela está indo super bem, porque ela aprendeu a caminhar. E ela se entregou. E tem uma colega dela que já botou uma barreira. Quem dá aula também não gosta disso, tu entendeu? Cria um clima de suspense, fica aquele... Sabe. Agora quando tu chega e tu te entrega, não é que eu queira me aproveitar... Não, é uma entrega, tu entendeu. Aí tu vai embora. A outra está lá a mil, a colega dela está ali, eu dancei com ela e eu sinto a diferença, na hora se percebe.

J.T. – O senhor imagina, no meu caso quando eu fui fazer aula com o meu marido, a primeira dificuldade dele, porque primeiro a Astrid começou dando aula assim, não foi direto para o abraço. O caminhar, a coisa do eixo, de trabalhar a intenção. Quando ela colocou o abraço a sensação que eu tinha era que o meu marido ao invés de vir ao meu encontro, fugia de mim. E a eu tentava eu puxar ele para tentar buscar um pouco mais o eixo. Então assim, a gente tentou buscar uma outra coisa, primeiro porque era muito importante pra mim, eu reconheço e agradeço ele por ter tentado, mas foi um mês que a gente saía de casa para: “Vamos dar um tempo pra nós” e a gente voltava pra casa brigando.

C.L. – É ruim. Eu passei uma época, eu sei disso, mas como eu é que queria, tu imaginas! Eu italiano e ela uma *alemoa*. Mas consegui e hoje ela gosta tanto ou mais do que eu. Então para mim foi uma grande vitória, porque eu danço com todo mundo. Até é engraçado, lá as gurias que me conhecem dizem: “Solange empresta o Carlinhos que eu quero dançar um tango”. Então é normal eu ir numa milonga e as gurias virem me tirar para dançar com elas. Eu peguei um estilo próprio, eu posso fazer aula com quem quer que seja, mas o meu estilo não perdi mais. Tem um trabalho de um argentino que é um tipo de dançar que eu acho que têm coisas boas e que têm coisas que não servem para mim. Então o que que eu faço? Pego as coisas básicas que servem para mim. Ele veio dar um *workshop* no Paulo Pinheiro e eu não mudei porque ele estava ali. Eu continuei dançando o meu tango, entendeu? Ele estava sentado com um grupo de colegas de tango, me olhou assim de longe: “*Usted, baila muy bien, felicitaciones!*” E eu: “*Muchas gracias*” Mas por que?

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

Porque eu peguei meu estilo e não vou mudar, eu posso corrigir algumas coisas. Enfim, mas o meu estilo é esse e acabou. Eu vou aprimorar, vou procurar tudo que é informação para melhorar esse estilo. Não vou mudar, não quero mudar. Eu gosto dele assim e eu sinto que eu posso transmitir para as pessoas que fazem a aula. Tem uma guria de Novo Hamburgo, a Jaqueline¹⁵, que chegou totalmente, eu gosto assim, quando a pessoa chega totalmente crua, não sabe nada, porque as pessoas que já estão viciadas é muito difícil corrigir. Agora uma que vem cru, tu dá uma aula inicial para ela, ela aprende. Tem dificuldade de caminhar? Tem porque caminhar para trás é diferente, mas no momento em que equilibrou ali, vai embora. A Jaqueline foi uma que em cinco ou seis meses saiu dançando tango. Foi em Buenos Aires já dançar, enfim.

J.T. – Nas duas vezes que fui não me arrisquei a ir em milongas.

C.L. – É, nós tivemos e isso aí está em *off*. Nós chegamos, foi o baile mais bonito que eu já vi na minha vida no.... Como é o nome daquela milonga que eu vou sempre, que é do Godoy¹⁶? É uma milonga jovem, eu me dou super bem com o Godoy, eu ligo pra lá e peço uma mesa para mim depois da meia noite. Eu pego um lugar lá. E o Godoy tem uma das melhores qualidades de música de Buenos Aires, é muito boa a música do Godoy. Mas na época não era o Godoy, nós saímos daqui eu e a Solange. Chegamos eu olhei de cima porque lá é assim, tem uma parte mais alta que tu olhas embaixo a pista de dança. Aquele baile, todo ele fluindo, era uma espiral, era uma coisa que eu nunca na minha vida tinha visto. Bah! me encantei com aquilo. Arrumamos uma mesa, chegamos lá e fomos dançar. Pra que? Dancei a primeira, sentei e jamais levantei, tu entendeu, porque é uma coisa muito harmônica, é muito interessante e ninguém se bate, ninguém, aquele troço lotado e ninguém se bate. Hoje nós conseguimos entrar nesse esquema sem a gente se bater com ninguém.

J.T. – Eu acho que é também um pouco de sentir a energia que está ali e te concentrar. Voltando para os nossos assuntos... O senhor comentou que ouvia tango na rádio lá em Cambará... O senhor lembra que rádio era?

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

C.L. – Eu acho que era Farroupilha, acho que era Farroupilha.

J.T. – Era uma rádio daqui?

C.L. – Era uma rádio daqui de Porto Alegre, não saberia com certeza, mas eu acho que era a Farroupilha.

J.T. – Porque muitas pessoas têm comentado comigo que lembram de quando eram jovens, bem jovens, de ouvirem tango nas rádios argentinas que tocavam aqui.

C.L. – Pois é, mas aí eu não saberia te dizer, acho que não, porque na verdade os primeiros programas foram gravados aqui em Porto Alegre, não é?

J.T. – Pois é, isso eu estou procurando até...

C.L. – Eu tenho isso aí pra ti... o Juarez me ajuda. Ele sabe certinho, ele me perguntou inclusive o livro. Se tu precisares de repente eu consigo com o Juarez.

J.T. – Ah eu gostaria ... Várias pessoas comentaram, eu entrevistei o Antunes¹⁷ também e várias pessoas comentaram dessa primeira gravação, que foi feita aqui, a primeira matriz, só que as pessoas não sabem me dizer o nome da gravadora.

C.L. – Eu sei, sei tudo, te consigo essa matéria.

J.T. – Ah, isso vai me ajudar muito.

C.L. – Eu te consigo essa matéria com o Juarez. Porque ele é meu amigo há trinta anos, é meu cliente aqui, inclusive agora a filha dele, a Alice Fonseca, que faz aqueles bolos, ela faz uns bolos para casamento, todo trabalhado, ela é toda dedicada a essa história. Então o Juarez é muito meu amigo.

¹⁷ José Antônio Antunes.

J.T. – O Juarez é o da revista Aplauso né?

C.L. Isso, não, o Juarez na verdade é crítico de música. Juarez Fonseca da Zero Hora, ele escrevia na Zero Hora, eu acho que ele está no RH, mas ele é meu amigo, eu ligo a hora que eu precisar. Eu preciso fazer uma matéria, um trabalho para a faculdade, eu consigo o livro com ele. Eu tenho uma série de livros de tango. Tem dois filmes que eu acho importantíssimo para ti e eu vou te conseguir cópia deles, eu vou te dar a cópia deles que chama-se [TRECHO INAUDÍVEL], já ouviu falar? Sensacional, ali tu vais te divertir. Para mim a essência do tango está nesse cara. Ele pegou senhores de oitenta, setenta, oitenta anos e levou os caras para se apresentar em Paris. Eles estavam dando..., a história é bem interessante! Tu vais ver o cara andando com um cachorro e a esposa, nas praças de Buenos Aires, eu não lembro o nome dele, mas eu tenho tudo gravado em fotografia e na televisão, fotografei e fiz um álbum de fotografias para saber quem são as pessoas. Tu vê que eu sou um...

J.T. – É um estudioso do tango.

C.L. – E o que aconteceu? Ele reuniu esses mestres do tango porque mesmo eles sendo da jovem guarda do tango, eles não conseguiam determinados efeitos que aqueles cidadãos faziam, então quando ele levou um tango bem jovem de Buenos Aires, um conjunto muito bom. ele conseguiu renovar, tu entendeu? Ele trouxe esse pessoal com oitenta anos, e eu acho que faz uns quatro anos que ele fez esse filme então o que que ele conseguiu? Ele resgatou uma história, trouxe para o presente. Agora do presente para o futuro, quer dizer nas próximas gerações alguém, se tiver a cabeça que ele teve e fizer isso, não vai deixar morrer. Isso eu acho interessante. E baseado nesse filme, saiu *O café de los maestros*, esse tu conhece?

J.T. – Eu já ouvi falar, mas eu não consegui ter acesso.

C.L. – Eu vou te dar os dois, porque na verdade se tu estás fazendo o trabalho, vai ter que assistir. *O café de los maestros* é uma cópia. Só que esses foram praticamente os mesmos maestros que foram no Teatro Colon. Muito linda a apresentação, é de chorar, aquilo ali eu me sinto assim emocionado quando eu falo, me engasga. Por quê? Porque eles deram

valor, assim como tu hoje está dando valor para um pessoa que tem sessenta e cinco anos de idade, eles deram valor para essas pessoas que sabiam dessas coisas. E isso é resgatar a memória. Então para mim foi assim, esse cara está na minha cabeça... Para eu fotografar e fazer um álbum, para eu saber quem são aquelas pessoas, tem pessoas que já morreram... Daquela turma uns quantos já faleceram. Mas uma coisa que é importante para mim, é que estou vivendo na minha época. Estou com sessenta e cinco anos e eu conheci ao vivo esses maestros. Tem um cara que canta, o Godoy, ele canta Alma e Pena, um tango que se tu pegar a letra e traduzir vai ver que é a alma dele que está penando, que não quer ir. E ele quer continuar. Tu vai ver no filme *O café de los maestros*. Bom, foi muito interessante conversar contigo, bah! que coisa boa. Jovem aí, eu sou muito conversador, tu viu que eu falo pra caramba.

J.T. – Não, mas isso é bom.

C.L. – Minha mulher diz que eu falo demais, eu vou continuar falando. Eu estou com sessenta e cinco anos não tem como modificar qualquer coisa.

J.T. – Não, mas eu acho que é bom para as pessoas. Eu acho que o tango é um assunto que nos une, essa paixão...

C.L. – Inclusive eu me ponho a tua disposição se tu quiseres um dia quiser fazer alguns passos de tango, na verdade hoje eu não tenho uma... Tenho, eu teria esse espaçinho aqui mas é muito pequeno. E se tu quiser alguma coisa de tango que tu precisar, olha eu preciso do tango de tal pessoa, eu tenho tudo em casa. Se tu precisar eu te tiro cópia, com o maior prazer, não tem problema nenhum, se tu quiser arriscar alguns passos de tango um dia eu dou uma mão. Agora o Valentin vai começar em março e eu acho que ele vai fazer um aulão como ele fez, de repente tu vais lá, se a gente tiver a oportunidade de se encontrar eu te dou uma mão lá, com certeza.

J.T. – Sabe que eu fiquei um semestre na Europa no início do ano passado, quando nós voltamos nós compramos um apartamento aqui. E uma das coisas que foi decisiva na escolha foi justamente a proximidade com a Tanguera. Eu comprei um apartamento ali na Cristóvão, pela Ramiro. Então é praticamente do lado porque como o meu marido dá aula

em Santa Maria, ele passa muito tempo lá, mas vem toda semana, na sexta ou na quinta e passa o final de semana. Então, o fato de eu poder ficar mais próximo do lugar onde eu pudesse fazer a aula e que depois não fosse ruim para eu voltar para casa.

C.L. – É isso uma coisa assim, que tu estando ali é muito fácil para eu te dar uma mão. Com certeza é. Eu dou oportunidade, não é que seja eu. Eu estou lá no Marcelo¹⁸ e, às vezes eu e o Marcelo nos bicamos. Sim, de vem em quando ele faz algumas coisas lá e ele sabe que eu sou brabo. Já vamos sair no facão aqui meu, faca na bota. Eu não levo muita coisa para casa, então hoje nós estamos nos dando bem. É por isso, porque a gente esquece. Eu tenho sessenta e cinco, eu não preciso disso. E eu pago, faço questão de pagar minhas aulas, e ajudo a dar aula, mas eu pago. Não sou monitor. Sou aluno e ajudo a dar aula, é uma cortesia. Bem diferente...

J.T. – Uma pessoa que comentou que gosta muito de dançar com o senhor é a Laura¹⁹. A gente dançava juntas...

C.L. – Pois é, agora tu estás falando da pessoa que eu te falei. Quando eu dancei com a Laura, bah! é uma vibração muito grande. A Laura se entrega, um abraço que é para mim o melhor abraço de Porto Alegre. Ela pode hoje com o companheiro que ela tem não estar dançando o melhor tango, mas que ela tem um abraço excelente tem. É o melhor abraço para mim.

J.T. – Nós costumávamos fazer aula juntas no grupo experimental de dança. Faz muito tempo que eu não a vejo. Aliás, nós nos vemos no início de janeiro no curso de dança que fizemos de um método de movimentação e eu seguido falava para ela: “Aí Laura, vamos fazer umas aulas, tu me conduz.” Porque ela sabe. E como eu tinha essa gana assim de querer fazer aula e não conseguia nunca por causa dos horários, a gente sempre dizia: “Ah. vamos marcar.” E como ela também faz faculdade, faz um monte de coisas, enfim acabava que os horários não se encaixavam muito. Mas para esse ano eu já estou mais pertinho...

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

C.L. – Vai ser mais fácil. Se a gente se encontrar lá com certeza eu vou dançar contigo e tu vai, a gente vai, eu tenho certeza... Eu poderia, eu não quero dar aula, eu não quero. Eu prefiro ficar ajudando as pessoas. [TRECHO INAUDÍVEL]

J.T. – Muito tempo que eu não vou à Buenos Aires.

C.L. – É, Buenos Aires hoje está bastante mudada. Está bastante perigoso, tem muito assalto, muito roubo na rua. Nós conhecemos Buenos Aires há, sei lá, quinze, vinte anos quando tudo era muito bonito, tudo era muito bom, não tinha assalto...

J.T. – Na primeira vez que eu fui, fazem cinco anos...

C.L. – Não era tão problema como está agora.

J.T. – E eu me lembro que eu achava muito interessante que toda vez que nós descíamos do táxi ou nós estávamos saindo do hotel ali próximo da Ateneu, da Recoleta, eu achava muito engraçado que todos os porteiros o pessoal sempre dizia: “Ah, cuida a carteira.” Porque eu andava com aquela bolsinha de alça curta sabe, segurando assim... Eles me diziam no táxi também: “Cuida a carteira, bota mais próximo do corpo”. Então eu achava isso muito curioso. Esses dias a minha mãe disse: “Eu sou apaixonada por Buenos Aires.” Tenho vontade de fazer meu doutorado lá, estou ainda pensando.

C.L.- Vou duas vezes por ano para lá, agora eu já falei para a minha mulher.

J.T. – Eu tenho vontade de ir esse ano em agosto, porque o Congresso que eu vou apresentar esse trabalho do mapeamento é na primeira semana de setembro, e eu quero ver se vou nas duas últimas semanas de agosto pra conseguir pegar o Mundial.

C.L. – É o Mundial é bem interessante. Onde eles fizeram agora esse... Eu vou praticamente em todos os Mundiais, eu não participo de tudo. Tem gente daqui de Porto Alegre que vai para lá que fazem aula aqui. Eu vou lá para participar do Mundial, ver o que tem de novidade, ver as apresentações, eu vou nas milongas, enfim, mas não é assim que eu sou um apaixonado... Eu vou porque eu gosto, e a gente vai nas milongas, que é bom de

ir dançar. Eu e a Solange normalmente dançamos lá até cinco seis da manhã. Passamos no *Café de la Ciudad*, tomamos um café e vamos dormir.

J.T. – Coisa boa!

C.L. – Ah e eu aguento tranquilo... Não vejo as horas passarem, entendeu?

J.T. – Ah, quando a gente gosta, passa rápido, voando. Mas então ...

C.L. – Tudo que tu precisares e eu vou falar com... História da primeira gravação, está bem claro ali, eu não me lembro para quem eu peguei esse livro, acho que foi para o trabalho da Rosa, uma coisa parecida...

J.T. – Tem alguma coisa que eu que eu tenho dificuldade, eu encontrei muita coisa lá fora que aqui eu não encontro, livros... de tango. Tem um livro de tango que foi publicado no Brasil, do Hélio Fernandes...

C.L. – Pois é, aqui tem pouca coisa, eu normalmente os que eu tenho são tudo em espanhol. Eu tenho, quando tu precisar de alguma coisa...

J.T. – Em Buenos Aires, da última vez que eu fui consegui dois, um do Horácio Ferrer e o outro eu não embro. São dois assim meio históricos, meio uma análise social do tango...

C.L. – É eu tenho um sobre bailes. Se tu precisar saber alguma coisa sobre como começaram os bailes. Os bailes começaram nos cabarés.

J.T. – Pois é, a minha intenção, até porque o meu mestrado é na área da educação física, eu sou educadora física, eu trabalho assim envolvida com movimentação corporal, então, o meu foco, claro que é o tango, a música hoje em dia é inseparável, mas o meu foco mais é a dança, a estruturação da dança. Pois é, um dos Tangos na Calçada lá que eu vi...

C.L. – Inclusive o Valetin Cruz e Carlos Lima. E tem eu dançando com ele. Diz que ele tá lá na prefeitura agora. Tu sabes que o tango foi oficializado agora?

J.T. – Pois é, eu vi isso num *site* de um jornalista no *blog* de um jornalista.

C.L. – No dia quatro de dezembro de 2012 o tango, o Festival Internacional de Tango, faz parte do calendário da cidade de Porto Alegre.

J.T. – Eu recebi até um e-mail de que ia ter . Eu não consegui ir porque estava nesse curso com a Laura que eu comentei, durante a semana...

C.L. – Eu tenho outro trabalho comunitário aqui no bairro, bem interessante.

J.T. – Aqui no Menino Deus?

C.L. – Aqui no Menino Deus. Depois se tu quiseres dar uma passadinha, eu pego o carro e vou ali te mostrar meu trabalho.

J.T. – No tango também ou não?

C.L. – Não, na área social. Eu quero, eu quero não, eu já homenagei e está homenageada a minha cidade, Cambará do Sul. Plantei um marco aqui nessa cidade grande. Me dá um minutinho?

J.T. – Claro, fica a vontade. [PAUSA]

J.T. – E me diz uma coisa, este espaço que tu estás pensando em abrir é uma casa de tango, escola de tango, é uma...

C.L. – Não é voltado para fazer a minha milonga. Não te diria que o nome já tenho, eu vou trabalhar a imagem, porque tu não pode trabalhar sem imagem, se tu trabalhar sem imagem tu está ferrado. Aquilo ali é uma imagem que o meu filho criou numa cervejaria dele, ficou muito bonita, eu achei que ele foi muito feliz na criação. Ele fabrica, o Tiago está se formando em engenharia da informação, mas ele, eu não sei, o Tiago... Eu estou deixando por conta dele, não vou interferir na vida dele, cada um tem o direito, é outra história dele,

ele tem a fórmula dessa cerveja, é muito boa, o que ele faz ,vende tudo. Eu não sei o que ele está fazendo, tem que deixar, não adianta eu pressionar.

J.T. – Os filhos a gente tem que deixar...

C.L. – Agora te digo uma coisa, para encerrar também o nosso assunto. Eu sou um homem super católico, a minha vida toda é baseada em Cristo, a minha firma aqui dentro tudo que tu vê vai ser luz, é Cristo que está aqui dentro e o Ramiro Darla meu grande parceiro que eu não sabia, eu sempre fiz as coisas por ele e não sabia e nós na verdade estamos com os mesmos objetivos no sentido de finalidade, essa coisa de ter luz, de ter imagem, enfim. Então é isso aí, a minha vida é baseada em Cristo.

J.T. – Que bom, acho isso importante.

C.L. – É importante. Eu sempre aconselho hoje, tem umas dez pessoas que eu estou fazendo serviço para eles aqui do lado, que estão comigo, que estão *online*... Tu é uma outra pessoa que já entrou no meu circuito, tua imagem está gravada já, com certeza, e sempre com o pensamento do bem. Porque para o mal tem muita gente para pensar. Então tu tem que deixar as pessoas, se tu conseguir trazer alguém do mal. Eu fiz um trabalho muito bom com um filho de um grande amigo meu. Eu tirei ele do *crack* e hoje ele é profissional. Fiz esse trabalho e tirando um cara do *crack* eu já estou muito bem. Ele está empregado, esteve trabalhando comigo um tempo e não nos entendemos. Ele hoje está trabalhando numa autorizada da Chevrolet. Tu vê um cara chegar na porta da tua firma, filho de um amigo teu um profissional, de cabeça boa, tu olha é um mendigo, o cara com os pés sujos e chinelo de dedo. Eu olhei aquilo e me cortou e aí nós fomos atrás. Ele colocou numa colônia, veio o pai dele, o enxoval dele fui eu que dei, ajudava no rancho a cada dois meses e nós conseguimos tirar o cara do *crack*. O cara é profissional hoje, então também tem essa parte, que é mais difícil. E ele saiu, está trabalhando, tem profissão.

J.T. – Parabéns pelo trabalho, não é fácil.

C.L. – É, então tu vê que a gente tem...

J.T. – É, e certamente você tem as recompensas disso.

C.L. – Como eu te disse, eu sou um grosso que vim do interior tentar uma cidade grande em sessenta e seis. Aqui no Menino Deus eu estou desde setenta e dois, eu tenho quarenta anos de Menino Deus.

J.T. – Deixa eu lhe perguntar uma coisa, antes que eu esqueça. O senhor falou que em 1966 que o senhor veio pra cá?

C.L. – Em 1966 eu vim pra cá.

J.T. – O senhor se incomoda de me dar a sua data de nascimento?

C.L. – 18/11/1946. Eu não me importo. Não, eu não tenho esse tipo de problema.

J.T. – Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]